



**EPEPE**  
ENCONTRO DE PESQUISA  
EDUCACIONAL  
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento  
na Perspectiva do Direito à Educação

## **Eixo Temático 5 - TRABALHO, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

### **ENTRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E O EXERCÍCIO PROFISSIONAL: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES**

**Gilberto de Araújo Moreira (UFPE)**

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo compreender as relações de trabalho de pedagogos em espaços considerados não convencionais de aprendizagem que exigem, para o preenchimento de seu cargo, a formação específica em curso de Pedagogia. Utilizamos como instrumento metodológico a pesquisa documental e a entrevista semiestruturada. Nossos sujeitos foram quatro pedagogos que atuam em diferentes espaços não escolares. Os resultados mostraram que a possibilidade de exercício de atividades do pedagogo múltipla, mas a formação acadêmica nem sempre corresponde a essa multiplicidade de ações.

**PALAVRAS-CHAVES:** PEDAGOGO, ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES, FORMAÇÃO DOCENTE.

#### **Introdução**

Lugar de pedagogo é na escola? Necessariamente, não. Aparentemente, falar em Pedagogia é falar em escola, em métodos, modelos de gestão e alunos, numa linguagem que convencionaliza o campo de trabalho do pedagogo e o restringe em competência e possibilidade de ação. Aparentemente, quanto mais recortado, classificado e especializado for o trabalho, mais facilmente será manipulado pelo mercado e pelos modos de produção do capital. O problema é que, restrito, o trabalho torna-se não apenas limitado, mas também limitador do potencial humano e alvo de toda a sorte de rotulações e estereótipos, muitas vezes carregados de estigmas e falsas imagens. A pronta associação do pedagogo à escola tende a ser uma delas.

Silva nos mostra que a Pedagogia, como curso acadêmico no Brasil, tem sua organização e reconhecimento bastante tardios, pois “em pleno século XXI, as inquietações sobre os papéis do pedagogo ainda persistem” (SILVA, 2003 apud FRISON, 2004:90).

Movidos por este tema e inquietos pela escassez de literatura que forneça um maior aporte sobre a atuação do Pedagogo em outros espaços que não a escola, decidimos investigar o tema mais a fundo.

Neste trabalho, empregaremos a expressão “espaços não-convencionais de ensino” ao nos referirmos a tais ambientes não escolares. Observa-se o mais comum uso do termo “educação em espaços não-formais”, mas, respaldados por Gadotti (2005, p. 02), preferimos adotar a referência de uma *não-convencionalidade*, ao falarmos em uma educação que ultrapassa os limites do espaço escolar. É esse autor que nos chama a atenção para a ambiguidade expressada na ideia de uma “educação não-formal”. Para ele, além da inserir a ideia de “ausência” ou oposição à escola convencional, essa educação informal também se dá no âmbito da escola formal.

Neste sentido, algumas questões vêm à tona quando analisamos o campo de atuação do profissional em Pedagogia: Que tipo de trabalho pode ser desenvolvido pelo profissional em um ambiente não escolar (não-convencional), cuja formação em Pedagogia seja exigida? Para que atividades, dentro de sua rotina laboral, os conhecimentos específicos em Pedagogia lhe são exigidos? O pedagogo inserido em espaços não-convencionais está comprometido com quais objetivos? Que atribuições lhe são conferidas? Que elementos de sua formação acadêmica contribuem para sua atuação profissional nesse ambiente não-convencional?

Objetivamos prioritariamente compreender as relações de trabalho de pedagogos em espaços considerados não convencionais de sua atuação que exigem, para o preenchimento de seu cargo, a formação específica em curso de Pedagogia. Para isto, traçamos como objetivos específicos: identificar que demandas do conhecimento do pedagogo são exigidas no cumprimento de suas funções; identificar os objetivos com os quais o pedagogo nos ambientes não-convencionais está comprometido; observar a relevância dos saberes típicos do pedagogo nas atividades fim da instituição não-convencional em que atua; compreender como os elementos da formação acadêmica contribuem para a atuação profissional nesse ambiente não-convencional.

Esperamos contribuir para a ampliação da literatura sobre o tema, provocando a discussão, a expansão da pesquisa e a ampliação da temática, entre os futuros Pedagogos e aqueles já consolidados na profissão.

### **Relação Trabalho e Educação: um contexto em construção**

Para melhor compreendermos como se relacionam o mundo do trabalho e a ação pedagógica, propomos iniciar nosso estudo promovendo um diálogo entre as ideias dos professores Suzana Albornoz (1986) e Demerval Saviani (1994 e 2007). Inicialmente, tomaremos aqui seu sentido a partir do que define Albornoz (1986, p. 07 – 13). Para a autora, trabalho é uma atividade transformadora, exercida pelo homem no uso de suas forças espirituais ou corporais, que tente a uma finalidade específica, sendo o próprio resultado desse esforço empreendido.

Saviani (1994, p. 02), explica sobre uma fase mais primitiva do trabalho humano. Em uma época em que a sociedade ainda não se dividia em classes, prevalecia entre os homens um modo de produção comum, no qual se lidava com a terra, com a natureza e com a subsistência de maneira comunal. À medida, entretanto, em que eles se fixam na terra, surge a noção de propriedade privada, que leva os homens a se dividirem em duas classes sociais: a dos proprietários e a dos não proprietários.

Albornoz (1986, p. 15 – 24) complementa a explicação afirmando que, ao longo do tempo e através do trabalho, o homem também descobre que é possível produzir além do necessário e estocar seu produto excedente. A conquista da terra e a noção de acumulação são, para o homem, sinônimos de poder. Através desses fatores, o homem percebe que é possível exceder sua própria força e apropriar-se do trabalho de outros indivíduos.

Quanto à educação, servimo-nos de outro artigo de Saviani (2007, p. 152 – 154) para melhor entender sua relação com esse período histórico. Para esse professor, trabalho e educação são atividades legitimamente humanas, uma vez que apenas o ser humano trabalha e educa. O trabalho é, por si, um processo educativo. Para Saviani isso faz a origem da educação coincidir com a origem do próprio homem.

Assim, se nas comunidades primitivas os homens apropriavam-se coletivamente dos meios de produção e, nesse processo, se educavam, o controle privado da terra e a divisão de classes cria um novo contexto em termos de educação. Ao se apropriar do trabalho alheio, o homem vê a necessidade de gerar duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, dos homens livres, centrada nas atividades intelectuais; e outra para a classe não proprietária, assimilada ao próprio processo de trabalho (SAVIANI 2007, p. 155).

Na era Moderna, o advento da industrialização trouxe um aumento significativo da demanda de mão de obra urbana. A atenção da educação estava agora voltada para a formação para o trabalho. As escolas emergem como forma dominante de educação com uma força tal, que, até hoje, ao pensarmos em educação, automaticamente pensamos em escola. Nesse processo, entretanto, manteve-se outras formas importantes de educação (como as escolas

profissionalizantes) que não a escolar, especialmente aquelas relacionadas a atividades produtivas: uma escola que forma para o laboral, o manual e outra, que habilita para o trabalho intelectual (SAVIANI 1994, p. 05 – 12).

Eis que surge sua *qualificação profissional*. Esse processo de diferenciação da maneira de trabalhar do homem origina o que Barbosa e Mangabeira (1990, p. 30 – 33) chamam de heterogeneização da noção de trabalho. Surgem, daí, diferentes conceitualizações linguísticas a definir e classificar o trabalho do homem.

Aliado a isso, percebe-se que a ampliação da tecnologia traz a demanda de um trabalhador polivalente, apto a lidar com todos os tipos de problemas. Se a educação já carecia anteriormente de oferecer à grande massa de contingente humano uma formação para sua completude, sua omnilateralidade, hoje restringe-se ainda mais ao fornecer apenas o que é demandado pela sociedade tecnológica, capitalista (FARIAS, 1998, p. 15 – 24).

Frente a tal panorama, nos é remetida a questão quanto ao trabalho do profissional em educação. Como ele se forma dentro dessa nova contingência e como ele é formado pra lidar com essa demanda dualista, dicotômica e tão pressionada pelo capital? Como sua área de atuação se limita, se restringe ou se expande e que reflexos esses movimentos geram na constituição de sua identidade profissional?

### **A formação da identidade profissional do Pedagogo**

Tardif e Lessard (2005, p. 42 – 47) chamam a atenção para o caráter “codificado” do trabalho docente. Esses autores defendem que, da forma como o trabalho docente encontra-se estruturado, a ação do profissional muitas vezes é limitada pelos padrões de tempo, planos, regras e outros dispositivos de controle que o limitam e racionalizam/robotizam sua prática. Por outro lado, esses mesmos autores falam da ambiguidade que comporta a atividade docente, quando o educador se depara com um ambiente inteiramente complexo e impossível de se controlar inteiramente, no qual esses determinados elementos limitadores de sua ação precisam ser manobrados e flexibilizados. Para os autores, a descrição do trabalho docente não dá conta das contradições, tensões e dilemas que sua heterogenia o caracteriza.

Nóvoa (1999 p. 02 – 03) também questiona a suposta autonomia de ensino do docente, frente a um currículo escolar que lhe é verticalmente estabelecido. Para ele, o compartilhar de conhecimentos e o atendimento às questões postas pelos alunos podem dar a ideia de um espírito docente livre de limites e amarras sociais. Entretanto, ao contrário do que havia no final do século XIX, “quando os professores eram investidos de todos os poderes”, o que

existe, hoje, é uma política educacional pobre, que mal assiste as necessidades profissionais dos educadores e assim o faz para limitar sua iniciativa e autonomia.

Essa forma de pensar também é corroborada por Tardif e Lessard (2005, p. 17), que criticam o fato do ensino secundarizar-se em relação ao trabalho material e produtivo. Essa subordinação da docência à esfera de produção é dada pela ênfase da preparação para o trabalho e não para a vida. Assim, tem-se o ensino como prática dispendiosa e seus agentes como trabalhadores improdutivos.

Para Nóvoa (1999, p. 02 – 05), há, por outro lado, uma supervalorização do papel do professor, que tem o “poder de induzir comportamentos e prescrever atitudes ‘razoáveis’ e ‘corretas’, construindo uma ideia de profissão docente que, muitas vezes, não corresponde à intencionalidade declarada”. A apropriação desse discurso, ditado pelos modismos e tendências da formação profissional, parece ser algo que se busca legitimar frente às “situações de dificuldade e de desvalorização social e profissional”.

Outro ponto, denunciado por Nóvoa (1999, p. 06 – 10), diz respeito à individualização de uma responsabilidade que, mais que institucional, é social. Ao tomar a frente do processo, o docente deixa de mencionar as “práticas pedagógicas que apelem à co-responsabilização e à partilha entre colegas”. Para Nóvoa, é fundamental a criação de espaços de debate, de planejamento e de análise, que privilegiem “a troca e a colaboração entre os professores”.

Tardif e Lessard (2005, p. 26 – 27) também chamam a atenção a esse fato, pregando a necessidade da profissionalização docente (profissionalização esta como uma ação coletiva de trabalhadores que controlam seu próprio campo de atividade e que possuem autoridade sobre a forma de executar as tarefas e sobre os conhecimentos para ela requeridos). Para esses autores, é preciso que se retome o respeito à formação dos mestres, aos estabelecimentos locais e à base da ética profissional fundamentada no respeito aos alunos e no favorecimento a seu aprendizado.

Frigotto (1996, p. 90 – 101) complementa esta discussão quanto à ressignificação do campo educacional, lembrando-nos da relação desse território com a política educacional (em particular, com os efeitos da ação neoliberal sobre ela). Para ele, não se pode proceder qualquer ação no sentido de promover uma escola de qualidade e um processo de formação de identidade docente, se que primeiro se observem os ideais de igualdade, inclusão e democracia na educação. Lançar um olhar responsável sobre a realidade social do aluno, pluralizando as ações pedagógicas e direcionando os conhecimentos para a experiência cotidiana e prática, é formar o educador na perspectiva da práxis, na qual reflexão e ação, teoria e prática, tencionam-se e fecundam-se. Para Frigotto, é preciso formar para além da

escola. Nesse sentido, ele prega a qualificação do educador também como dirigente e participante ativo em organismos coletivos, como sindicatos, movimentos sociais, associações científicas e culturais e em partidos político-ideológicos que tenham um projeto alternativo de sociedade. É sobre a atuação do educador nesses espaços que trataremos a seguir.

### **A atuação do Pedagogo em espaços não escolares**

Libâneo (2004, p. 14 – 28) nos fala também dessa identidade docente como algo além do trabalho na escola. Para ele, existe um estreitamento do conceito de Pedagogia ao se reduzir a ação pedagógica à docência. Em oposição a esse reducionismo, verifica-se uma atuação múltipla do pedagogo na sociedade, principalmente devido às novas demandas de competências comunicativas e das dinâmicas das relações sociais, pelas quais geram-se saberes, habilidades, técnicas e valores.

Em busca de referências nas quais essa atuação se observa de forma prática, recorremos à pesquisa da professora Lourdes Frison (FRISON, 2004, p. 14 – 16), da Faculdade Porto-Alegrense e PUCRS. Segundo a autora, percebe-se que a atuação do pedagogo, nos diversos locais pesquisados, é entendida, em sua maioria, como mediadora, estimuladora do diálogo e facilitadora do consenso. Percebe-se sua atuação também na formação continuada e em empresas voltadas para os processos de aprendizagem. Nesses espaços, percebe-se o pedagogo como responsável pela qualificação e aperfeiçoamento dos colaboradores, através da organização de programas de treinamento, de aulas teóricas e práticas e do planejamento e execução de eventos, reuniões e projetos. Nos espaços hospitalares, foram encontrados pedagogos trabalhando na área de gestão de pessoal e no acompanhamento de crianças hospitalizadas, impossibilitadas de ir à escola. Nos espaços de cunho social, constataram-se profissionais de Pedagogia desenvolvendo atividades como organização de oficinas recreativas, pedagógicas, sociais e profissionalizantes, além da elaboração de projetos de trabalho em equipes.

Outra pesquisa, que nos ajuda a ampliar o campo de visão sobre a atuação prática do pedagogo em espaços não-convencionais, vem do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – UniFMU, em São Paulo. Organizada pela professora Mary Rosane Ceroni (CERONI, 2006, p. 07 – 10), a pesquisa revela a exigência de um novo perfil de trabalhador, com um nível de qualificação cada vez maior. Nas empresas, a maioria dos

pedagogos se concentra na área de Recursos Humanos. Já nas ONGs, percebem-se funções mais diversificadas, mas não diferentes dos dados apresentados pela pesquisa anterior. A predominância da atuação do pedagogo é, mais uma vez, na área de projetos, seja como seu coordenador ou executor. A pesquisa traz também outro dado relevante. A maioria dos entrevistados (75%), que hoje atuam em empresas e ONG's, já trabalhou como professor em algum momento de sua carreira. Ao serem questionados sobre a correspondência entre a formação acadêmica recebida e as demandas de seu atual posto de trabalho, notou-se que os pedagogos que trabalham em empresas se sentem insatisfeitos, pois 66% aproximadamente não acreditam que tiveram uma formação adequada. Já os que trabalham em ONGs estão totalmente satisfeitos. Esses últimos declararam que o conhecimento teórico ofereceu subsídio para a compreensão de toda a dinâmica social, principalmente no que diz respeito aos saberes a respeito do terceiro setor.

GOHN (2006, p. 28 – 37) nos fala da educação não-formal (não-convencional) como um processo com dimensões variadas, que vão da aprendizagem da cidadania (direitos e deveres) à habilitação dos indivíduos a fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista crítico do que se passa ao seu redor. Para essa autora, na educação não-convencional, o grande educador é o “outro”, aquele com quem se interage ou se integra. Há, entretanto, uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. O modo de educar, nos espaços não-convencionais, surgem como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que dele participa. Para a autora, a educação não-convencional não é organizada por séries/ idade/conteúdos. Ela atua sobre aspectos subjetivos do grupo, trabalhando e formando sua cultura política. O desenvolvimento de laços de pertencimento é outra característica que contribui para a construção da identidade coletiva do grupo.

A construção de cidadãos éticos e participativos, com responsabilidade sobre o outro é a retomada das utopias na construção de novas agendas. A educação não-convencional, mais que simples oportunidade de emprego para o pedagogo, é um campo valioso na construção daquelas agendas, a dar sentido e significado às próprias lutas no campo da educação visando à transformação da realidade social (GOHN, 2006, p. 28 – 37).

### **O caminho percorrido**

Para a realização do presente estudo, nos aproximamos da abordagem qualitativa para desvendar e explicar o fenômeno pesquisado. Pois, segundo Santos Filho e Gamboa (2007),

essa abordagem defende a ideia de que o homem só pode ser compreendido dentro de uma determinada situação cultural, num certo espaço, numa certa época.

Foram visitados quatro ambientes para a coleta de dados: (1) o Instituto Peró Arte e Cidadania, mantido pelo Shopping Guararapes, em Jaboatão dos Guararapes – PE; (2) a Escola Pública de Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito de Pernambuco / Detran-PE; (3) o Centro de formação, pesquisa e memória cultural Casa do Carnaval; e (4) o Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco. O critério de escolha desses espaços deu-se a partir da característica de serem espaços não-convencionais de educação, que abrigam, em seu quadro de trabalho, a função de pedagogo, estatutariamente definida. Além disso, trata-se de espaços de formação para a cidadania e não exclusivamente para o trabalho.

Nossos sujeitos foram quatro profissionais formados em curso superior de Pedagogia. Escolhemos esses profissionais por entender que não há uma constância em suas finalidades ou semelhança jurídica em seus ambientes de trabalho, fora o fato de serem espaços não-convencionais da ação do pedagogo.

Como instrumento metodológico para a coleta de dados, realizamos a pesquisa documental baseada nos editais que descrevem os cargos e funções dos sujeitos pesquisados, buscando compreender a especificação de suas atividades e a exigência da formação em Pedagogia. Em seguida, realizamos uma entrevista semi-estruturada com todos os sujeitos da pesquisa, por este ser “um instrumento que permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados pelos questionários, explorando-os em profundidade” (ALVES-MAZZOTTI e GWANDSZNAJDER 2001, p.168).

Tomamos como base para a análise dos dados o procedimento de análise temática, pois como Bardin (1977, p. 105) nos diz “O tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. Assim, consistindo em uma análise temática, verificaremos tantos os conteúdos revelados nos dados coletados como os conteúdos não expressos nesses dados.

Portanto, a nossa análise foi operacionalizada a partir de três operações básicas como: (1) a exploração do material; (2) o tratamento dos resultados obtidos por meio das entrevistas; (3) e a interpretação dos resultados, a partir da inferência.

### **Análise dos resultados**

A pesquisa propõe a compreensão das relações de trabalho, formação docente e atuação dos profissionais da Pedagogia em espaços não convencionais de aprendizagem.



Após a análise documental e análise das entrevista semiestruturadas, relacionamos os dados obtidos com o discurso dos principais teóricos estudados. De início, apresentamos os profissionais em Pedagogia e seus respectivos espaços de trabalho. Em seguida, relacionamos as informações obtidas através dos questionamentos a cerca do tema. Organizamos nossa análise a partir da observação (1) das atividades dos pedagogos nos ambientes não-convencionais, (2) das atribuições do pedagogo (descritas documentalmente e nas entrevistas), (3) do recebimento de formação específica para o exercício do cargo, (4) da relevância da formação em Pedagogia para o exercício da profissão, e (5) da justificativa pela opção em trabalhar em espaço não-escolar.

## **1. Identificação dos entrevistados**

Para preservar a identidade dos pedagogos, atribuímos-lhes códigos substituindo seus respectivos nomes. Chamaremos de “E” cada um dos entrevistados. Para distingui-los, utilizamos os números 1, 2, 3 e 4. Assim codificados, traremos aqui os relatos de E1, E2, E3 e E4. Além dessa codificação, utilizaremos seus respectivos locais de trabalho como identificadores desses entrevistados.

## **2. Conhecendo os espaços não convencionais de atuação do Pedagogo**

Além da identificação dos profissionais, a descrição de suas instituições de trabalho faz-se necessária, uma vez que as mesmas refletem o perfil de cada tipo de atuação, além de ajudar a compreender as respostas das entrevistas, visto que os objetivos de cada espaço não-convencional dão um caráter próprio à atuação do pedagogo.

**2.1 - Instituto Però Arte e Cidadania** - mantido pelo Shopping Guararapes, em Jaboatão dos Guararapes – PE, é uma instituição sem fins lucrativos, criada em 2004. A instituição surgiu da vontade dos empreendedores de contribuir para um futuro melhor para as crianças, adolescente e jovens de baixa renda onde o Shopping fica instalado. É desenvolvida e mantida pelos empreendedores do Shopping Guararapes e tem sua sede anexa ao estacionamento, dentro da área do empreendimento:

**2.2 - Escola Pública de Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito de Pernambuco / Detran-PE** – inaugurada em 09 de Julho de 2010, é uma Gerência integrante

da Coordenadoria de Educação de Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito de Pernambuco – DETRAN/PE;

**2.3 - Centro de formação, pesquisa e memória cultural Casa do Carnaval** - é um órgão vinculado à Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife, que, desde 2005, é um espaço de referência da memória das manifestações culturais populares.

**2.4 - Tribunal de Justiça do Estado de Pernambuco** - é um órgão do Poder Judiciário Brasileiro. Tem sede no Recife e jurisdição em todo o Estado de Pernambuco. O artigo 61 da Constituição estadual estabelece a competência do TJPE.

Todas as entidades visitadas situam-se na cidade de Recife – PE e se encontram em pleno funcionamento.

### 3. Conhecendo os sujeitos da pesquisa

Para facilitar a visualização destes dados, reunimos as informações em uma tabela, que traz o local de trabalho, o sexo, a idade, o local e o ano de formação, o tempo de atuação em sua instituição de trabalho e os detalhes de sua formação continuada.

<b>Entrevistados:</b>	E1	E2	E3	E4
<b>Instituição:</b>	Instituto Peró	DETRAN/PE	Casa Carnaval	TJPE
<b>Sexo:</b>	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino
<b>Idade:</b>	30 anos	31 anos	30 anos	Não informada
<b>Local e ano de formatura:</b>	UFPE (2012)	UFPE (2005)	FAFIRE (2011)	UFPE (2006)
<b>Tempo trabalho</b>	Desde formada	Desde formada	2 anos	desde 2008
<b>Especialização:</b>	Não	Pós-graduação em Educação Infantil	Pós-graduação em Arte-educação	Mestrado em Educação

Diante dos dados apresentados acima, observa-se certa homogeneidade do grupo com relação à idade (30 anos em média), ao local de formação (a maioria da UFPE), do nível de especialização (apenas um dos entrevistados apresenta apenas a graduação) e da prevalência do sexo feminino em relação ao masculino.

#### 4. Análise dos documentos

A cada um dos entrevistados foi solicitado um documento oficial da instituição que estabelecesse ou descrevesse as atribuições dos cargos que ocupavam. A tabela abaixo mostra os resultados obtidos dessa solicitação:

<b>Entrevistado/ Local trabalho:</b>	<b>Sobre solicitação de documento que descrevesse seu cargo:</b>
E1 (Instituto Peró)	Não soube responder.
E2 (DETRAN/PE)	Alegou não conhecer qualquer documento do tipo.
E3 (Casa Carnaval)	Disse que havia um organograma da entidade, mas que não estava disponível no momento.
E4 (TJPE)	Declarou não haver regimento interno em seu setor, mas ter ciência da publicação das atribuições das equipes interprofissionais, da qual faz parte, nas Varas de Infância.

Posteriormente, em consulta à internet, conseguimos acesso à **Portaria Conjunta SARE/DETRAN nº 034**, de 13 de 10 de 2004 e ao **EDITAL N° 01/2011**, do Tribunal de Justiça de Pernambuco. A partir desses documentos, descrevesse a atuação dos pedagogos nessas instituições da seguinte forma:

<b>Portaria Conjunta SARE/DETRAN nº 034, de 13 de 10 de 2004.</b>	<b>EDITAL N° 01/2011 do TJPE</b>
Orientador Educacional de Trânsito	Analista Judiciário/APJ
a) Executar ações de transformação do DETRAN em instituição de caráter educativo, civilizador e formador de cidadania integradas com a rede de ensino do Estado; b) Elaborar, executar e coordenar os programas educativos de trânsito e campanhas educacionais; c) Executar outras atividades correlatas.	Assessoramento Técnico; realizar perícias, judiciais ou não, e elaborar projetos e pareceres sobre matéria de sua área de competência; supervisionar, fiscalizar e desempenhar atividades técnicas na sua área de competência e em suas especializações; prestar serviços de consultoria na sua especialidade.

#### 5. Análise dos resultados

Subdividimos os dados em cinco eixos temáticos, dos quais analisaremos as respostas dadas por cada um dos entrevistados. A disposição dos resultados em tabelas tem a finalidade de facilitar a visualização das informações, bem como permitir um melhor contraste entre

elas. Sob as tabelas, teceremos comentários gerais, baseados na literatura revista em nosso marco teórico.

### **Tema 1: das atividades dos pedagogos nos ambientes não-convencionais**

Quando solicitados a descreverem suas atividades, os entrevistados responderam o seguinte:

<b>Entrevistado / Local de trabalho</b>	<b>Respostas</b>
E1 (Instituto Peró)	Mediação da leitura e trabalho de arte educação com crianças e jovens do entorno ao shopping.
E2 (DETRAN/PE)	Atividades de formação de professores (educação no/para o trânsito); e Projetos de educação no/para o trânsito.
E3 (Casa Carnaval)	Atendimento aos visitantes e promoção de eventos (cursos, seminários, pesquisas).
E4 (TJPE)	Assessoramento aos magistrados sobre infância e juventude, (dentro de uma equipe interprofissional).

Observa-se, já neste tópico, certa variação do trabalho dos Pedagogos, nos quais o contato direto com o público infanto-juvenil (Instituto Peró e Casa do Carnaval), bem como com as características sócio-culturais desse grupo (Tribunal de Justiça), são predominantes. No Detran, a atividade de formação de professores é ainda mais exigente de conhecimentos específicos do Pedagogo.

Libâneo (2004) fala dessa atuação múltipla do pedagogo na sociedade, principalmente devido às demandas de competências comunicativas e das dinâmicas das relações sociais, pelas quais geram-se saberes, habilidades, técnicas e valores.

Tardif e Lessard (2005) chamam a atenção para o caráter versátil do profissional de Pedagogia e do risco que uma visão superficial de sua ação possa aparentar pouca formalidade. Para os autores, a descrição desse trabalho não dá conta das contradições, tensões e dilemas que sua heterogenia o caracteriza.

### **Tema 2: das atribuições do pedagogo**

Quando questionados sobre um maior detalhamento de suas funções e dos documentos que as descreviam formalmente, os entrevistados responderam o seguinte:

<b>Entrevistado /</b>	<b>Respostas</b>
-----------------------	------------------

<b>Local de trabalho</b>	
E1 (Instituto Peró)	<i>“Além da mediação da leitura e do trabalho de arte educação, e faço de tudo um pouco. Desde a organização do material, até o planejamento. Da orientação aos pais ou responsáveis, até o atendimento psicológico com a criança, eu faço. Essas tarefas me foram explicadas logo no começo, mas depois vi que era bem mais do que haviam me dito”.</i>
E2 (DETRAN/PE)	<i>“Não conheço nenhum documento que regulamente o nosso cargo; que descreva nossas atividades. Foi difícil chegar aqui e conseguir saber realmente o que fazer, porque não tem nada que indique para onde devemos ir ou o que temos que fazer”.</i>
E3 (Casa Carnaval)	<i>“Faço de tudo um pouco aqui. Sou uma espécie de “multiuso”! Há um organograma sim, mas a necessidade aqui é bem maior. Não posso ficar preso ao que se descreve em minha função”.</i>
E4 (TJPE)	<i>“Como Pedagoga, por escrito, no relatório sociopsicopedagógico ou de forma verbal em audiência quando somos requisitadas. Não há regimento interno no meu setor, mas foi publicada as atribuições das equipes interprofissionais nas Varas de Infância”.</i>

Farias (1998) no alerta para o fato de que a ampliação da tecnologia, nos dias atuais, traz a demanda de um trabalhador polivalente, apto a lidar com toda a sorte de problema que se lhe apresenta. O mercado exige o indivíduo plástico, capaz de rapidamente adaptar-se a novas funções. Agora, mais que simplesmente capacitar o homem para o trabalho, é papel da escola prepará-lo às diferentes solicitações da empresa de forma breve, quase imediata. Se a educação já carecia anteriormente de oferecer à grande massa de contingente humano uma formação para sua completude, sua omnilateralidade, hoje restringe-se ainda mais ao fornecer apenas o que é demandado pela sociedade tecnológica, capitalista.

Outro detalhe que chama a atenção, diz respeito ao fato de dois dos entrevistados demonstrarem não ter conhecimento da documentação oficial que descreve suas funções e atividades. Albornoz (1986) vem falar dessa suposta alienação do trabalho institucionalizado, orgânico e massificador da atividade produtiva humana. Acondicionados em linhas de produção, homens se transformam em peças de uma engrenagem, da qual eles mesmos não conseguem vislumbrar seu começo ou seu fim.

### **Tema 3: do recebimento de formação específica para o exercício do cargo**

Quando questionados sobre uma formação acadêmica adequada para que pudessem atuar em seus cargos, os pedagogos responderam que não tiveram qualquer formação específica de Pedagogia. Contudo, alguns receberam capacitação nos próprios trabalhos:

<b>Entrevistado / Local de trabalho</b>	<b>Respostas</b>
E1 (Instituto Peró)	<i>“Aprendi no contato com as crianças. É claro que tudo o que eu estudei fez mais sentido na prática. Com certeza minha formação foi muito importante para eu hoje estar aqui”.</i>
E2 (DETRAN/PE)	<i>“Em parte ajudou, principalmente na elaboração de atividade e planejamentos pedagógicos. No entanto, o tema educação para o trânsito nunca foi abordado em sala e nem mesmo a ênfase do trabalho do Pedagogo em espaços informais.”.</i>
E3 (Casa Carnaval)	<i>“Acho que o contato com os textos, com os autores, foi o que mais me deu condições de trabalhar com crianças, diagnosticar seus problemas, saber o que fazer”.</i>
E4 (TJPE)	<i>“No próprio TJPE é que recebemos formação por meio de curso para lidar com temática relativa à violência sexual contra crianças e adolescentes, ao depoimento acolhedor, etc. É um trabalho muito específico, que a faculdade não dá conta.”.</i>

Curiosamente, observa-se que as duas entrevistas que atuam em espaços mais institucionalizados ou empresariais, são as que mais se queixam da falta de um maior respaldo por parte da academia. Talvez, demonstre-se aí a tendência do curso estar realmente mais voltado para a docência e a atuação com crianças.

Libâneo (2004) fala também dessa identidade docente como algo além do trabalho na escola. Para ele, existe um estreitamento do conceito de Pedagogia ao se reduzir a ação pedagógica à docência. Em oposição a esse reducionismo, verifica-se uma atuação múltipla do pedagogo na sociedade, principalmente devido às novas demandas de competências comunicativas e das dinâmicas das relações sociais, pelas quais geram-se saberes, habilidades, técnicas e valores.

#### **Tema 4: da relevância da formação em Pedagogia para o exercício da profissão**

Aqui fomos mais incisivos com relação à formação acadêmica, profundando o questionamento levantado no tema anterior. Questionamos, assim, como viam as contribuições do curso de Pedagogia pra sua atuação:

<b>Entrevistado / Local de trabalho</b>	<b>Respostas</b>
E1 (Instituto Peró)	<i>“Não ajudou muito, pois pouco se discutia sobre o professor nas bibliotecas, na organização, planejamento e ação. O que</i>

	<i>me ajudou foi o fato de ter tido a possibilidade de estagiar e assim poder ter tido outras formas de enxergar minha profissão”.</i>
E2 (DETRAN/PE)	<i>“Só em parte, mesmo. Foi preciso ir atrás de mais conhecimento, mais formação. Há muitas lacunas no curso de Pedagogia ainda”.</i>
E3 (Casa Carnaval)	<i>“Sim, mas o curso mesmo de Pedagogia não aborda muito esse tema da cultura popular. A gente vê que os próprios professores não dão conta. Eles não têm conhecimento no assunto. Como eu já era arte educador antes de começar o curso (de pedagogia), ele (o curso) me ajudou bastante com a teoria”.</i>
E4 (TJPE)	<i>“No mestrado em educação é que eu pude entender a educação enquanto processo de formação humana. A disciplina de Direitos Humanos em educação, psicologia e filosofia contribuíram, além das disciplinas de política educacional, uma vez que a atuação com relação a rede de proteção a criança e adolescente está relacionada com as políticas públicas”.</i>

Corroborar-se aqui a análise anterior, de que, muitas vezes, o curso de Pedagogia, por si, não é capaz de dar conta do caráter multidisciplinar que a profissão hoje em dia exige. A pesquisa da professora Mary Rosane Ceroni (CERONI, 2006) revela a exigência de um novo perfil de pedagogo, com um nível de qualificação cada vez maior. Nas empresas, a maioria dos pedagogos se concentra na área de Recursos Humanos. Já nas ONGs, percebem-se funções mais diversificadas. A predominância da atuação do pedagogo é, mais uma vez, na área de projetos, seja como seu coordenador ou executor. A pesquisa traz também o dado que mostra que os pedagogos que trabalham em empresas se sentem insatisfeitos, pois 66% aproximadamente não acreditam que tiveram uma formação adequada. Já os que trabalham em ONGs estão totalmente satisfeitos. Esses últimos declararam que o conhecimento teórico ofereceu subsídio para a compreensão de toda a dinâmica social, principalmente no que diz respeito aos saberes a respeito do terceiro setor.

#### **Tema 5: da justificativa pela opção em trabalhar em espaço não-escolar.**

Questionamos o porquê do trabalho em uma instituição não convencional ao trabalho do pedagogo e obtivemos as seguintes respostas:

<b>Entrevistado / Local de trabalho</b>	<b>Respostas</b>
E1 (Instituto Però)	<i>“Eu iniciei minha atividade no Però através do estágio em pedagogia, tendo por interesse o espaço da biblioteca, pois já</i>

	<i>tinha vindo de outros estágios em escolas públicas comunitárias onde minha função era organizar e catalogar livros. Essa minha trajetória profissional me fez conhecer o que mais possuo afinidade”.</i>
E2 (DETRAN/PE)	<i>“Nesses outros espaços meu trabalho é bem mais reconhecido”.</i> (Referindo-se aos ambientes não convencionais de educação).
E3 (Casa Carnaval)	<i>“Por uma questão ideológica. Estagiei em escola pública, sei que o trabalho é bem diferente. Já fui sondado até por escolas particulares e recusei”.</i>
E4 (TJPE)	<i>“Desde minha graduação eu visava um concurso público. Tive a chance de entrar no Tribunal e me identifico muito com o trabalho. Sinto que mesmo sem estar em sala de aula, eu dou minha contribuição para a sociedade”.</i>

É interessante perceber a questão da opção pelo trabalho em um ambiente diferenciado, na maioria dos casos. Não fica aparente o ingresso no cargo por mera conveniência do emprego que está à mão. Há sempre um conteúdo de proposição em suas escolhas.

Nóvoa (1999) critica a supervalorização do docente, alegando que o que existe, hoje, é uma política educacional pobre, que mal assiste as necessidades profissionais dos educadores e assim o faz para limitar sua iniciativa e autonomia. Daí a necessidade de ver-se o profissional da educação como um trabalhador e um sujeito de direitos, em oposição à imagem de alguém com um “dom”, quase divino, de transformar a vida da sociedade.

### **Considerações finais**

O poder da institucionalização e a apropriação da educação como elemento de controle e moldagem social fizeram da escola seu ambiente comum. Hoje, é praticamente impossível dissociar as imagens da educação e da escola. A profissão do pedagogo incorpora essa relação e começa a ser representada como algo intrínseco ao ambiente formal de ensino.

Em nossa pesquisa percebemos que a profissão do pedagogo está sim diretamente relacionada com a educação, mas não necessariamente com a escola. A amplitude dessa categoria representa hoje uma base científica que não pode reduzir-se à especificidade de um único ambiente.

A análise das funções, do cotidiano e das peculiaridades das atividades de cada um dos entrevistados, mostrou o quão versátil deve ser o desempenho do profissional de educação na realidade atual do trabalho. A academia formadora do pedagogo, entretanto, não parece acompanhar esse movimento. Conforme os dados analisados, a construção acadêmica desse



profissional ainda parece direcionar-se muito ao ambiente escolar, mesmo que tentando promover sua polivalência, mas ainda restrita a esse meio.

Em suas múltiplas faces, os espaços não convencionais de educação englobam, dentre outras, instituições como os movimentos sociais, que representam um legítimo espaço de construção de identidades e de resistência a um poder hegemônico coisificador do ser humano. Preparar o profissional de educação para a atuação nesses espaços significa elevar seu potencial crítico, sua intelectualidade, promovendo-lhe muito mais uma politecnicidade, que lhe faça um agente consciente e transformador de sua realidade.

### Referências Bibliográficas

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.
- ALVES-MAZZOTTI, Alves. J. e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- BARBOSA, Leila M. A.; MANGABEIRA, Wilma C. **A incrível história dos homens e suas relações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990 (Capítulo III)
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições70, 1977.
- CERONI, M. R. **O perfil do pedagogo para atuação em espaços não-escolares** An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006. Disponível em <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100040&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100040&script=sci_arttext)> Último acesso em 03/02/2014.
- FARIAS, Itamar Mazza de. **Diferenças entre polivalência e politecnicidade: implicações para a formação da concepção sobre o trabalho no processo educativo**. In: Educação e Filosofia, n. 12 (23) 11 - 29 jan./jul., 1998.
- FRISON, L. M. B. **O pedagogo em espaços não-escolares: novos desafios**. Ciênc. let., Porto Alegre, n. 36, p. 87-103, jul./dez 2004
- FRIGOTTO, G. **A formação e a profissionalização do educador: novos desafios**. In: SILVA, T. T.; GENTILI, P. (orgs.). **Escola S.A. - quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: CNTE, 1996.
- GADOTTI, Moacir **A Questão Da Educação Formal/Não-Formal**. INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE) *Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?* Sion (Suiça), 18 a 22 de outubro 2005

GOHN, Maria da Glória **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, António. **Os Professores na Virada do Milênio : do excesso dos discursos à pobreza das práticas.** Educ. Pesqui. vol.25 no.1 São Paulo Jan./June 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

97021999000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Último acesso em 03/02/2014.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade. GAMBOA, Silvio Sanchez (org). 6ed, São Paulo : Cortez, 1990.

SAVIANI, Demerval. **O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias.** in: FERRETTI, Celso João et al. Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.** Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

TARDIF, M. e LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.